

qualquer maneira que seja, causar-lhes a mais pequena dificuldade ou perturbação.

Se o carma de um indivíduo é tal que êle não pode ser auxiliado, então os nossos esforços bem intencionados para o auxiliar falharão por completo, ainda que, com êsse esforço, tenhamos conseguido ganhar bom carma para nós. Nada temos com o que o carma do indivíduo tenha sido; o nosso dever é dar-lhe o auxílio que pudermos, e não temos direito senão ao ato; o resultado está em outras mãos, em mãos superiores. Como podemos nós saber o estado da conta-corrente de um indivíduo com o seu destino? Sabemos nós, por acaso, se êle não acaba de esgotar o seu mau carma, e se não acaba de chegar precisamente ao ponto em que é necessário que nossa mão se estenda para o auxiliar, para o tirar do seu sofrimento e da sua perturbação? Por que é que não seremos nós que teremos o prazer e o privilégio de lhe prestar êsse grande serviço? Se o podemos, com efeito, auxiliar, isso já mostra que êle mereceu ser auxiliado; mas nunca podemos saber ao certo, antes de o experimentarmos. Mas, seja como fôr, a lei do carma sustenta-se bem por si, e é excusado que nos incomodemos por sua causa.

São poucos os casos em que a humanidade tem recebido auxílio dos espíritos da natureza. A maioria dessas criaturas evita os lugares onde está o homem, e retira-se da sua presença, pois que não gosta das suas emanações e do perpétuo bulício e desassossegado de que êle sempre se cerca. Acresce que são, exceto em algumas das suas ordens superiores, em geral levianas e inconstantes — mais parecidos com crianças brincando em condições físicas extremamente pro-

pícias do que com seres graves e com uma noção da responsabilidade. Às vêzes, porém, acontece que um dêles simpatiza com determinado ser humano e lhe presta vários e bons serviços; mas, no estágio presente de sua evolução pode haver inteira confiança neste reino da natureza pelo que respeita a uma cooperação persistente no trabalho dos auxiliares invisíveis. Se o leitor quiser aprofundar êste assunto dos espíritos da natureza, conseguiu-lo-á consultando o quinto dos nossos Manuais Teosóficos.

Por vêzes, ainda, auxílio é prestado pelos recém-mortos — aquêles que ainda pairam no plano astral e estão ainda em contato próximo com as coisas dêste mundo, como (provavelmente) no caso, acima citado, da mãe que evitou que os filhos caíssem em um poço. Mas não é difícil compreender que o quantum possível de auxílio desta ordem não pode deixar de ser extremamente restrito. Quanto mais altruísta e dedicada uma pessoa tenha sido neste mundo, tanto menos provável é que ela se encontre, depois da morte, pairando em plena consciência nos níveis inferiores do plano astral, de onde a terra é mais prontamente acessível. Em qualquer hipótese, a não ser que fôsse um indivíduo excepcionalmente mau, pequena seria a sua estadia naquele nível de onde, apenas, seria possível qualquer intervenção nos assuntos terrestres; e, conquanto desde que o mundo celeste ainda possa derramar uma influência benigna sobre aquêles que amou na terra, essa influência benigna será, em geral, antes da natureza de uma emanação benéfica de caráter geral, do que da de uma força que produza resultados definidos num caso específico, como qualquer daqueles a que nos temos referido.